



## USO DE PRESERVATIVOS NAS RELAÇÕES SEXUAIS DE JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE

*Léia Cardoso, Ana Paula Ferreira Holzmann, Paul Holzmann Neto, Ialys Pinheiro de Oliveira, Daniella Fagundes Souto, Bruna Menezes Aguiar, Luana Gabriele Souza Alves*

### Introdução

O número de jovens entre 16 e 24 anos representa 8,9% da população brasileira, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010[1]. Apesar disso, muitos ainda não dispõem de acesso à informações e serviços adequados em termos de saúde sexual e reprodutiva [2].

A adolescência é considerada o grupo etário de grande vulnerabilidade quanto ao risco de gravidez inesperada e de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DST), ainda que tenham conhecimento do preservativo e de sua importância. É nessa faixa etária que ocorre geralmente a descoberta da sexualidade e os limites do próprio corpo, sendo importante que o adolescente tenha ciência das transformações que estão ocorrendo e cuide para não ser vítima de uma gravidez precoce ou contrair alguma doença, como a AIDS ou outra DST [3].

O uso do preservativo entre os jovens tem aumentado, mas ainda não significa um uso consistente em todas as relações, além de variar durante a trajetória da relação afetiva. Geralmente está associado a fatores de ordem sócio-cultural e individual, especialmente ao pertencimento social e idade de iniciação sexual [4].

O presente trabalho objetivou investigar a frequência de uso de preservativo entre adolescentes privados de liberdade, assim como os motivos alegados por eles para não usar o insumo.

### Material e Métodos

Estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa e análise documental. Dados secundários foram coletados a partir dos formulários do Sistema de Informação de Centros de Testagem e Aconselhamento (Si-CTA), relativos às atividades itinerantes de aconselhamento e testagem ofertados pela equipe do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de Montes Claros aos internos de um Centro Socioeducativo deste município, durante o ano de 2014.

A população de estudo foi composta 181 adolescentes em situação de reeducandos do Centro Socioeducativo que aceitaram ser submetidos à testagem para HIV, sífilis e Hepatites, bem como avaliação de sua vulnerabilidade pela atividade de aconselhamento individual e coletiva. Os formulários do SI-CTA foram preenchidos durante o aconselhamento individual. A análise dos dados foi realizada utilizando o programa *StatisticalPackage for Social Sciences* (SPSS), versão 18.0.

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicos dos cursos de enfermagem e medicina da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes.

### Resultados e Discussão

Dos adolescentes atendidos, 107 (59,1%) referiram prática sexual nos doze meses anteriores ao atendimento, sendo que a maioria relatou relações heterossexuais (99,06%). A idade variou de 12 a 21 anos, com média de 16,8, maioria de raça/cor parda (79,0%) e com 4 a 7 anos de estudo (80,1%). O número de parcerias sexuais no último ano variou de uma a 100, com média de seis (DP=12). Parceria fixa foi relatada por 63,6% e 90,6% referiram parcerias eventuais.



Apoio financeiro: FAPEMIG

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes 1.064.677

O uso regular do preservativo com parceria fixa foi relatado por 32,3%, sendo que na última relação sexual, ocorrida antes da atividade de aconselhamento e testagem, o uso do insumo foi relatado por 41,2%. Entre os adolescentes que referiram parcerias eventuais, o uso frequente do preservativo ocorreu em 39,2% (tabela 1).

Apesar de ter ocorrido um aumento no uso do preservativo com parceria fixa na última relação, o que contradiz outros estudos que demonstram tendência à redução do uso em relacionamentos estáveis [4], a adesão ao preservativo pela população de estudo, tanto nas relações estáveis quanto eventuais, não alcança 50%. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira (PCAP), realizada em 2008, revelou que o uso de preservativo na última relação sexual, independentemente da parceria, foi de 55% entre os jovens, sendo quase 68%, quando se considera o seu uso na última relação com parceiro casual ou eventual. Apenas 35% dos jovens afirmaram usar regularmente o preservativo, independentemente da parceria [5]. (BRASIL, 2013). A partir desses dados, percebe-se que o uso regular do preservativo dentro da população de adolescentes e jovens está aquém do esperado, fato que preocupa, uma vez que permite constatar a alta vulnerabilidade dessa população, não só ao vírus HIV e outras DST, como também à gravidez indesejada.

Quanto aos motivos alegados pelos adolescentes para não usar o preservativo com parceria fixa, os mais frequentes foram: “não gostar”(41,3%), “confiança” (41,3%) e porque “não dispunham do insumo no momento” (8,9%). Para parceria eventual, destacou-se também o fato de “não gostar” (21,6%), seguido por “não dispor do insumo no momento” (16,5%) e pelo “imediatismo” da excitação (11,9%). Esses motivos também foram citados em outros estudos, como o de Alves e Lopes [6], onde cerca de 23,1% dos adolescentes informaram não gostar de usar o preservativo por considerar que o mesmo causa incômodo e diminui o prazer sexual. Além disso, como a maioria das relações sexuais entre adolescentes não são planejadas, é comum que o insumo não esteja disponível no momento, o que nem sempre é suficiente para adiar o ato sexual[6]. Há ainda aqueles que, mesmo de posse do preservativo, informam não terem utilizado por esquecimento gerado pela excitação do momento. Isso demonstra que a impulsividade, a colocação do prazer acima da proteção, é um fator importante para a não adoção do uso da camisinha, podendo demonstrar a vulnerabilidade entre esses jovens [7]. Outra pesquisa [8], realizada no interior do estado de São Paulo, também verificou que entre aqueles que não usam camisinha, muitos justificam-se afirmando ter parceiro fixo, ser casado e/ou confiar no parceiro. Essa constatação evidencia que a escolha pelo uso do preservativo não está ligada apenas ao conhecimento sobre os meios de transmissão das DST, mas também ao tipo de relacionamento considerado, aos sentimentos dos parceiros envolvidos e ao contexto sociocultural no qual estes se inserem[7].

O efeito de álcool/outras drogas também foi usado como justificativa para o sexo sem proteção por 2,8% dos adolescentes deste estudo, tanto com parceria fixa quanto eventual. Embora poucos tenham vinculado o uso dessas substâncias com o sexo desprotegido, estudos têm demonstrado relação significativa entre número de parceiros, uso de drogas e bebida alcoólica. A utilização de álcool e outras drogas antes das relações sexuais, comum entre os adolescentes, contribui para a baixa adesão ao preservativo e conseqüente aumento da vulnerabilidade deste grupo às DST, principalmente em função da euforia, da redução do raciocínio e do sentimento de invulnerabilidade, proporcionados pela ingestão dessas substâncias [9].

## Conclusão

Os resultados desse estudo permitiram identificar o comportamento sexual como importante fator de vulnerabilidade dos adolescentes às DST/aids. O uso do preservativo, nesta população, deixa a desejar e a não utilização do insumo está ligada a valores pessoais, aos tipos de relacionamentos estabelecidos e ao seu nível de envolvimento afetivo, bem como a fatores inerentes à construção da sexualidade de cada indivíduo. É essencial estimular mudanças no indivíduo que promovam diminuição das situações de risco, no entanto, a prática do sexo desprotegido, nessa



realidade, não pode ser trabalhada através da punição dos comportamentos. Afinal, exigir a adoção da camisinha inclui aceitar os fatores inerentes à sexualidade, às relações de poder, ao erotismo e aos impulsos sexuais. Assim, através de ações de educação em saúde, é possível promover uma conscientização do adolescente acerca de uma vida sexual responsável, valorizando o cuidado com o próprio corpo na diminuição de exposições de risco.

## Referências

- [1] BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pirâmide etária. Disponível em: [http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm\\_piramide.php](http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php). Acesso em: 07/08/2015.
- [2] PINHO, M.D. *Get al.* Juventudes, raça e vulnerabilidades. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 19, p. 277-294, 2002.
- [3] JARDIM, D.P. e Santos E.F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. **Adolesc. Saude**, v. 9, n. 2, p. 37-44, 2012.
- [4] TEIXEIRA, A. M. *et al.* Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad. Saúde Pública**, v. 22(7):1385-1396, 2006.
- [5] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS**. Brasília, 2013.
- [6] Alves, A. e Lopes, M. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativos entre adolescentes universitários. **Rev. Bras. Enfermagem**, v. 61:11-17, 2008.
- [7] OLIVEIRA, J.G. *et al.* Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao hiv/aids. **Rev. Baiana de Saúde Pública**, v.3(3):702-724, 2013.
- [8] Cano, M.A.T. *et al.* O conhecimento de jovens universitários sobre AIDS e sua prevenção. **Rev. Eletr. Enferm.**, v.9(3):748-758, 2007.
- [9] TAPERT, F. *et al.* Adolescent substance use and sexual risk-taking behavior. **J Adolesc Health**, v. 28, p. 181-9, 2001.

**Tabela 1-** Uso de preservativo entre os adolescentes sexualmente ativos, no último ano.

Uso do preservativo	Parceiro(a) fixo(a)		Parceiro(a) eventual	
	n	%	n	%
Não usa	27	39,7	13	13,4
Usa sempre	22	32,3	38	39,2
Usa na minoria das vezes	14	20,6	21	21,6
Usa na maioria das vezes	5	7,3	25	25,8
Total	68	100	97	100